

ADOÇÃO NO BRASIL: A Importância de Estabelecer Reflexões Sobre Essa Questão

Caroline Hirade Latta

Graduanda em Psicologia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Jessica Oliveira dos Santos da Silva

Graduanda em Psicologia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Thais Neves de Souza dos Santos

Graduanda em Psicologia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Anatiele Paula de Souza

Psicóloga – FEPI; Esp. em Psicopedagogia Clínica e Institucional – UCAM;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

André Masao Peres Tokuda

Mestre em Psicologia e Sociedade – UNESP;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Janaina Soares Sicuto

Graduada em Psicologia
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Laiana Tiemi Kawashima

Graduada em Psicologia
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Juliana Fernanda de Barros

Graduada em Psicologia
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir sobre a importância dos grupos de apoio a adoção para pessoas que tenham o desejo em adotar, visa salientar a importância de desenvolver reflexões a respeito dessa temática, pois o período de espera é mediado por sentimentos, anseios e incertezas, os grupos de apoio à adoção desempenham importante papel no esforço de aumentar a conscientização dos candidatos e das candidatas à adoção sobre essa questão, ajudam a diminuir esses sentimentos que rodeiam os pretendentes, sendo uma ferramenta de auxílio de preparação e prevenção de conflitos com a criança a ser adotada e assistência para lidarem com o processo, espera construção de vínculos afetivos, trabalharem emoções e sentimentos, além de trocarem experiências vivenciadas nesse processo. Os encontros ocorrem mensalmente durante o ano de 2018, no entanto a nossa participação sucedeu duas vezes na primeira terça feira do mês de março e agosto. As atividades realizadas nos encontros consistiram em dinâmicas de grupo direcionadas na interação entre os membros do grupo, com o intuito que todos participem e contribuam de acordo com suas subjetividades, discussões sobre os temas propostos, fundamentando hipóteses, esclarecendo dúvidas e foram utilizados recursos audiovisuais slides e vídeos direcionados ao tema proposto, com objetivo de fornecer informação de forma técnica acerca da psicologia.

PALAVRAS-CHAVE: adoção; psicologia jurídica; grupo de apoio.

1 INTRODUÇÃO

A psicologia jurídica, uma das especialidades em Psicologia, surge no Brasil antes e do surgimento dos cursos de graduação e da profissão ser legalizada. Ou seja, é uma área de atuação antiga das ciências psicológicas que, no entanto ainda se tem pouca visibilidade no país. Muito por ainda se ter poucas instituições de ensino superior ofertando disciplinas relativas a essa área, o que acaba gerando desconhecimento por parte do(a)s aluno(a)s e profissionais, e cometimento de erros, faltas éticas quando atuam neste campo.

Elizier Schneider foi uma das primeiras pessoas a trabalhar sobre este tema no país. Sua formação inicial é em Direito, mas depois se migra para os estudos da Medicina Legal e Psicologia, começa atuando junto ao Instituto de Psicologia, que era ligado a Universidade Federal do Brasil (atualmente conhecida como Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ). Sua atuação era voltada para o entendimento do sujeito(a) criminoso(a), as medidas de punições e a reinserção social, no entanto o enfoque era na avaliação dessas pessoas (ROVINSKI, 2009).

Desde o início, a atuação do(a) psicólogo(a) é voltada para avaliação psicológica, a busca pela verdade sobre a pessoa que cometeu algum delito. No entanto Schneider também buscou pensar este(a) sujeito(a) de forma mais ampliada, verificando fatores sociais, econômicos e culturais para o cometimento de crime (ROVINSKI, 2009).

Outro(a)s pesquisadore(a)s em todo país começaram a atuar junto a área Jurídica através das avaliações psicológicas. Devido o Brasil ter dimensões continentais a entrada neste campo foi se dando em tempos diferentes em cada estado. Na Psicologia Forense, subárea da Jurídica, participação de psicólogo(a)s nos fóruns se deu por volta de 1984, com a atuação de forma voluntária de alguns(algumas) psicólogo(a)s, atuando basicamente em conflitos de separação e desmantelamento familiar. Por volta do início dos anos 1990 começou maior abertura para o(a)s profissionais devido ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (ROVINSKI, 2009).

Atualmente, a psicologia jurídica tem diversos campos de atuação, como fóruns, penitenciárias, casas abrigo, instituições de acolhimentos, instituições policiais, instituições para cumprimento de medidas socioeducativas, entre outras. No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) tem utilizado o termo *Psicologia na*

interface com a Justiça, pois assim abarca diversas subáreas e profissionais que não tenham vínculos empregatícios com o poder judiciário, e, preferimos utilizar durante este trabalho psicologia jurídica, por trazer toda a história e teorias. Muitas pessoas confundem psicologia forense com a psicologia jurídica, no entanto a primeira é relativa ao Poder Judiciário, o que deixaria de lado outras subáreas como a psicologia penitenciária e os profissionais que atuam no ministério público, delegacias etc. Ou seja, psicólogo(a)s jurídico(a)s são aquele(a)s que trabalham com questões/assuntos relacionados ao sistema de justiça, que são indicado(a)s pelo(a)s juize(a)s para realização de exames, laudos e/ou perícias (BRITO, 2012; FRANÇA, 2004).

Um dos questionamentos feitos a respeito dessa área é a atuação direcionada, quase que sempre, para avaliação psicológica, o que acabaria por minar outros modos de se trabalhar neste campo, com exemplo, a promoção de saúde e bem-estar. Desta forma, a atuação junto a grupos de apoio a pessoas que desejam adotar é de extrema importância para a Psicologia, propondo novo foco de trabalho para o(a)s profissionais da área.

Há mais de 20 anos que existem os grupos de apoio à adoção e atualmente existem mais de 130 inscritos junto a Associação Nacional dos Grupos de Apoio à Adoção (ANGAAD)¹ no Brasil. São importantes porque:

O preparo dos pretendentes à adoção envolve a discussão de aspectos psicossociais e jurídicos, culturais, educativos e a reflexão sobre os preconceitos e as discriminações que permeiam o imaginário social. Este trabalho não deve ter o objetivo de analisar ou avaliar os candidatos, mas de prepará-los para lidar com as questões do processo, da espera, do acolhimento e da construção dos vínculos afetivos que podem levar à integração da criança adotiva na família. Com a experiência no grupo, os pretendentes podem ressignificar conflitos e afetos, trabalhar sentimentos e emoções despertados pelo processo de adoção, além de trocar vivências com outras pessoas que passam pela mesma situação, desmistificando alguns conteúdos, revendo preconceitos, o que contribui para alterar a diferença entre o perfil de crianças que os candidatos buscam com o perfil de crianças a serem adotadas (SEQUEIRA; STELLA, 2014, p. 70).

Esse foi o objetivo de nossa participação junto ao Grupo de Apoio à Adoção (GRAATA) de Três Lagoas/MS, o qual iniciou suas atividades no dia 11 de maio de 2011, a partir a iniciativa da Juíza de Direito da Vara da Infância e da Juventude, Dra. Rosângela Alves de Lima Fávero, suas reuniões são mensais e ocorrem sempre na primeira terça-feira do mês, em média com 25 participantes.

¹ Disponível em: <<http://www.angaad.org.br/quem-somos/>>. Acessado em: 21/09/2018.

2 OBJETIVOS

O objetivo deste artigo é discutir sobre a importância dos grupos de apoio à adoção para as pessoas que tenham o desejo em adotar. Problematizando dois encontros realizados com os temas: adoção necessária e da idealização a realidade.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para este trabalho utilizamos como método revisão bibliográfica e estudo de caso. Realizamos as discussões a partir de dois encontros/palestras realizados junto ao Grupo de Apoio à Adoção (GRAATA) de Três Lagoas/MS, no mês de abril e setembro.

4 PROBLEMATIZANDO A ADOÇÃO

No dia 03 de abril de 2018, aconteceu à reunião do grupo de adoção GRAATA, estava agendado para iniciar às 19 horas, no fórum da cidade de Três Lagoas/MS. Ao chegarmos conversamos com as recepcionistas para nos informar qual sala seria a reunião, essas não sabiam informar sobre o grupo de adoção e pediram para esperarmos. Conforme o tempo foi passando chegou um casal para participar da reunião, que ficaram aguardando junto conosco.

Começamos a reunião com uma dinâmica, percebemos que todos estavam tensos, com isso a atividade ajudou para conseguirem se soltar. O exercício que fizemos foi a partir da simbolização de uma casa abrigo, feita de uma caixa de papelão, na qual tinha imagens de crianças e adolescentes de todas as idades e cores. Pedimos para imaginarem que iriam adotar e teriam que escolher uma das fotos, tinha um número em cada e precisavam anotar o número da criança desejada em um papel que estava ao lado da casa, pedimos que fossem um de cada, vez mesmo os que estavam em casal, para ser espontâneo a escolha.

No final pegamos o papel e verificamos quais crianças e adolescentes haviam sido escolhidos e refletimos quais que ficariam na instituição, os únicos que não foram escolhidos foi o grupo de irmãos negros e um adolescente branco. Fizemos reflexão sobre o tema e as escolhas, conversamos e alguns relataram que tinham um perfil em mente e quando viu as fotos se apaixonou por uma criança diferente do que estava

idealizada. Os membros do grupo não conseguiram dialogar sobre o motivo de não terem escolhido àquelas crianças específicas da instituição, no entanto levantamos discussões relacionadas à dificuldade financeira, pois era grupo de irmãos.

Um membro do grupo alegou que eles não possuem oportunidade de conhecer as crianças da instituição, ressaltando a importância da sensação de estar no ambiente e pode escolher, afirmou que nesse momento certamente suas idealizações não seriam tão importante, mas sim, o afeto vivenciado no momento.

Depois, realizamos uma palestra utilizando como base autores da Psicologia, cuja obra baseada foi Os bebês e suas mães de Winnicott (1988) e o texto A Família e o Desenvolvimento Individual de Winnicott (2011) encerramos com um pensamento de Lidia Weber (2001) da obra Adote com Carinho.

Dialogamos a respeito da adoção necessária, problematizamos sobre alguns medos, mitos, questões subjetivas da criança/adolescente, entre outras questões. Neste primeiro encontro o tema discutido foi adoção necessária, que seria a adoção de adolescentes, pessoas com deficiências, HIV, grupos de irmãos, entre outros. Expomos a importância do ambiente facilitador e acolhedor para receber o infante, da receptividade emocional e a disponibilidade para as possíveis mudanças independente da idade da criança.

O segundo encontro ocorreu no dia 04 de setembro de 2018, no fórum da cidade de Três Lagoas – MS. Foram no total de 24 pessoas, havia pessoas que estavam participando pela primeira vez e também quem já pertencia ao grupo. No início propomos a dinâmica do desenho, a qual se pedia para o participante descrever o seu filho com a maior riqueza de detalhes, com o intuito que ao olhar o desenho feito pelo companheiro percebesse que o filho imaginado não seria totalmente diferente do filho desenhado. Foi um momento de descontração, todos participaram. Alguns participantes alegaram que o desenho não teria ficado igual ou parecido pelo fato da pessoa não ter desenhado da forma que descreveu. Depois do término da atividade perguntamos se algum desenho foi parecido com a criança que tinham idealizado e todos responderam que não.

Em seguida, fizemos à segunda atividade, na qual os participantes retiravam uma pergunta e respondiam de acordo com suas vivências da infância, esse espaço foi importante, pois conseguiram verbalizar seus sofrimentos, traumas vivenciados e até mesmo situações corriqueiras. Fizemos perguntas para que pudessem se lembrar

de situações que aconteceram na sua infância e que os remetessem a acontecimentos que podem ocorrer com seus filhos. Foi um momento de muitas revelações, alguns participantes que se sentiram mais a vontade expressaram algumas frustrações e traumas ocorridos em sua infância/adolescência pertinentes ao tema proposto.

Alguns componentes do grupo relataram que seus pais não aceitavam sua orientação sexual, explicitando a dificuldade que passaram nesta fase da vida, outra declarou que a mãe a obrigava a fazer balé mesmo ela não gostando para satisfazer um desejo próprio, uma participante expôs desistiu de terminar um curso na faculdade que estava realizando depois de perceber que não era aquilo que almeja, explicou que iniciou esse curso por influência familiar.

Fizemos à apresentação dos slides explicando de maneira técnica na visão de Andrade (2015) o luto do filho idealizado, ressaltando pontos favoráveis e negativos da idealização de um filho, a fim de diminuir os estigmas, os constructos e desconstruir pensamentos disfuncionais, enfatizando a importância da idealização consciente.

Ao final fizemos um fechamento sobre a mensagem que queríamos passar, da idealização à realidade. Fizemos uma ligação das dinâmicas executadas com a parte teórica, esclarecendo que na dinâmica sabíamos que o desenho não ficaria perfeito por não ter nenhum profissional, mas para entender que cada um idealiza o seu filho, mas até mesmo casais imaginaram filho(a)s com características diferentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dinâmicas e a apresentação teórica auxiliaram na compreensão do tema apresentado, alguns participantes relataram exemplos de suas vidas enriquecendo mais o entendimento. Fizemos um total de dois encontros, cada um com tema diferente para auxiliar pretendentes a adoção, são de suma importância esses encontros, pois no primeiro levantamos a questão sobre adoção necessária que é adotar criança ou adolescentes, negros, grupos de irmãos ou possuidores de alguma deficiência física, visto que pesquisas mostram que a maioria das pessoas que se encontram na fila da adoção pretende adotar bebês brancos ou uma criança o mais nova possível, no segundo encontro o tema discutido foi a idealização do filho ideal e filho real, debatemos a importância dessa idealização até o ponto saudável, esses encontros têm por objetivo estimular a adoção a crianças e adolescentes que vivem

em instituições de acolhimento, assim como debater temas que precisam ser discutidos sobre a adoção.

REFERÊNCIAS

BRITO, L. M. T. de. Separando: um estudo sobre a atuação do psicólogo nas Varas de Família. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

FRANÇA, F. Reflexões sobre Psicologia Jurídica e seu panorama no Brasil. Revista Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, v. 6, n. 1, jan./jun., 2004.

ROVINSKI, S. L. R. Psicologia jurídica no Brasil e na América Latina: dados históricos e suas repercussões quanto à avaliação psicológica. IN: ROVINSKI, S. L. R.; CRUZ, R. M. (Eds.). Psicologia jurídica: perspectivas teóricas e processos de intervenção. São Paulo: Vetor, p. 11-22, 2009.

SEQUEIRA, V. C.; STELLA, C. Preparação para a adoção: grupo de apoio para candidatos. Revista Psicologia: teoria e prática, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 69-78, jan./abr., 2014.